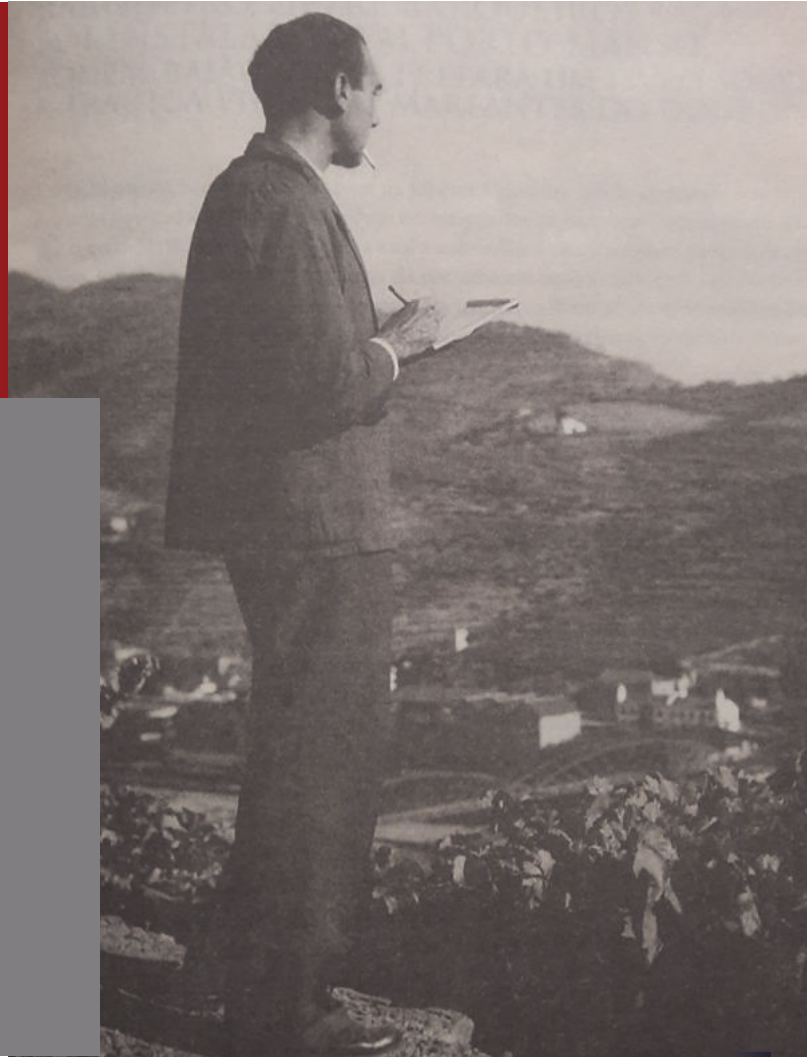




Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I. P.



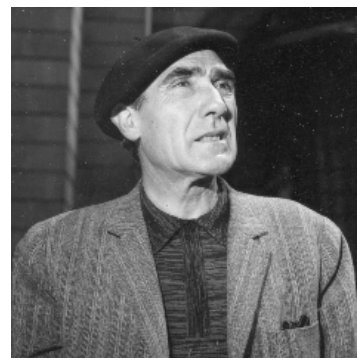
Boletim Informativo IVDP, IP



set 2024

O Douro Vinhateiro, região detentora de uma paisagem única para a produção do *Porto*, cuja comercialização está difundida pelos todos os cantos do mundo. A divulgação do *Porto*, não foi, apenas, realizada pela vertente comercial, mas também pela identidade cultural, cujas tradições e as condições socioeconómicas vividas pela população duriense foram alvo de testemunho. Neste panorama, salienta-se a atividade humana, a luta quotidiana na produção e transporte do *Porto*, critérios de idealização em manifestações artísticas. O cenário duriense é, muitas vezes, utilizado por aqueles que se dedicam à arte, região que oferece um panorama genuíno para retratar o património cultural em variadíssimas vertentes, tal como a literatura.

O Douro na Vida e Obra de Alves Redol

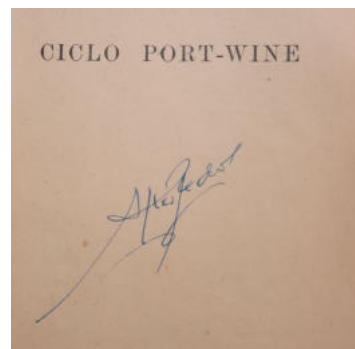
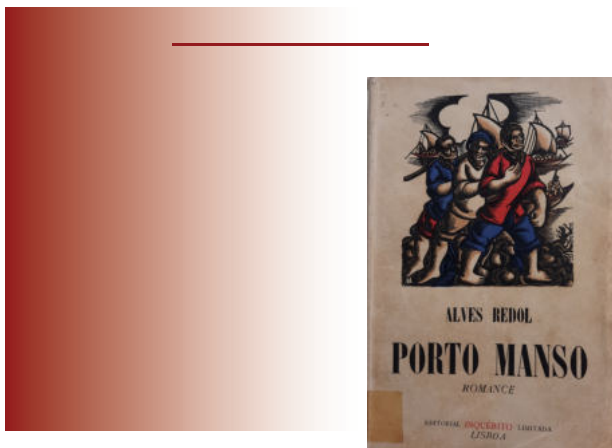


O Douro, região produtora do *Porto* foi, desde o século passado, alvo de histórias por parte de intelectuais, apresentando-se como cenário de romances, enredos e narrativas. Alguns autores, filhos da terra, dedicaram várias obras literárias à região assim como à vida quotidiana. Não obstante estes, destaca-se o escritor ribatejano António Alves Redol (1911-1969). Considerado uma figura predominante do neorealismo português, o seu estilo literário assenta na narração da realidade da vida social e económica da época, pelo que, algumas das suas obras foram proibidas e censuradas pelos Serviços de Censura.

Alves Redol dedicou quatro romances ao Douro e às gentes da região. Em 1943 visitou, pela primeira vez, o Douro, com a intenção de recolher informações relacionadas com a vida na região para a edição dum livro. Fascinado com a região duriense, um dos territórios de referência do escritor mencionados nos romances, criou amizades que o apoiaram no trabalho de campo, nomeadamente na pesquisa de material, e considerava o Douro, como a segunda pátria.

Dois anos mais tarde, instalou-se na aldeia de Porto Manso, na casa onde viveu o Barão de Forrester, para vivenciar os momentos dos barqueiros do rio Douro, no transporte do *Porto* desde o Pinhão até à cidade do Porto, com o propósito de recolher material para elaborar um romance sobre a temática. Interagiu com os barqueiros do Douro na faina diária do *rio abaixo, rio acima*, reconhecendo a vida trágica dos mesmos. Apercebeu-se do funcionamento da economia local e da vida diária da população, assim como, da crise que o transporte fluvial atravessava, devido à concorrência com o caminho-de-ferro, apelidado, pelos barqueiros, de *Cavalo do Diabo*. Acompanhava os barqueiros e colaborava nas tarefas do transporte do Porto. Em conversa com um jornalista do Jornal *A Tarde*, sediado na cidade do Porto, que o encontrou, na Ribeira do Porto, a descarregar 16 pipas de vinho dum barco rabelo, descalço, com uma camisola grossa de lã e com a sua inseparável boina basca, afirmou: *Fiel ao meu método, vim-me instalar na região em que vivem, sofrem e lutam as minhas personagens*. Durante as suas viagens fluviais, observava, registava e fotografava, com a sua máquina fotográfica e um bloco de apontamentos, as manobras dos barqueiros, especialmente as *trágicas subidas feitas à sirga e à vara*, os momentos de descanso e os perigos de certos pontos. Recolheu, também, informações sobre os costumes, as tradições, as histórias orais das gentes durienses, as quais foram refletidas no romance *Porto Manso*, publicado em julho de 1946.

Viajou pelo Baixo Douro para averiguar e fotografar as cenas quotidianas dos pequenos agricultores, dos saibradores, dos cavadores, das vindimadeiras e dos lagareiros. Impressionado com o duro trabalho dos durienses e com as consequências das pragas de filoxera, das crises constantes e da pobreza daquelas gentes, apercebeu-se do choque de interesses com os grandes produtores, com os comerciantes do vinho e com os especuladores. Abordou a vida dos durienses dos diversos grupos sociais, centrando-se nos problemas dos pequenos viticultores e proprietários. Perante a problemática dos pequenos viticultores para a vazão das uvas, lançou a ideia de criar lagares em cooperativas ou mobilizar os existentes. Ideia expressa, nos seus próximos romances sobre o Douro, a qual foi concretizada, na região, a partir dos anos cinquenta.



Em janeiro de 1948, começou a escrever o primeiro volume do *Ciclo Port Wine*, o qual daria origem a uma trilogia, publicado no ano seguinte com o título *Horizonte Cerrado*, com uma edição normal e outra de luxo. Esta, contou com uma tiragem de cem exemplares autografados, em papel especial, com desenhos de Júlio Pomar. Obra premiada, em 1950, pela Academia das Ciências, com o Prémio Ricardo Malheiros.

O segundo volume, alvo de quatro versões com o título provisório de *Terra Mártir*, ficou concluído em dezembro de 1949. Foi publicado no final de abril de 1951, intitulado *Os Homens e as Sombras*. O *Ciclo do Port Wine* prosseguia com os estudos e recolha de informações sobre o período da história do Douro de 1914 e 1915. Para tal, Alves Redol deslocou-se várias vezes ao Douro para recolher elementos. Consultou jornais da época, atas de sessões da Câmara dos Deputados e do Senado, memórias de políticos e diplomatas, entre outros, resultando num número elevado de informações que davam para escrever vários volumes. O terceiro e último volume, intitulado *Vindima de Sangue*, ficou concluído em meados de novembro de 1952 e foi publicado no ano seguinte. Com a publicação de *Vindima de Sangue*, Alves Redol encerrou o *Ciclo Port Wine* (1947-1953) e o seu trabalho literário sobre o Douro. Desfrutou da colaboração de vários amigos da região, em especial de Francisco Tavares Teles, residente no Pinhão, que o ajudou na recolha de informação sobre o Douro, nos contatos pessoais, assim como, na análise dos títulos dos romances. Redol encontrava-se com os amigos durienses para ler os esboços das obras e obter, assim, a opinião deles. Para tal resultado, Alves Redol consultou variada bibliografia sobre o Douro, em bibliotecas e arquivos, sobre vários temas, tais como História, Economia, Sociologia, Tecnologia, Biologia, Cultura e Etnografia. Indicadas, pelo amigo Tavares Teles, faziam parte da sua biblioteca pessoal, os Anais do Instituto do Vinho do Porto; O Esboço de uma Bibliografia, separata dos Anais do Instituto do Vinho do Porto, e os Cadernos Mensais de Estatística e Informação do Instituto, cujas publicações detêm informações sobre a região duriense e a produção do *Porto*.

Os romances de Alves Redol constituem uma admirável série de narrativas humanas e as suas personagens transmitem o quotidiano duriense. Constituem um papel fundamental da história do Douro, através da menção dos aspetos geográficos, etnográficos e socioeconómicos que a região atravessou no início do século XX. Revela a complexidade que gira em volta do *Porto*, marcada pelas problemáticas dos produtores, pela concorrência desleal, com imitações e falsificações, pela dificuldade de escoamento e pela desvalorização do *Porto*, assim como, pela luta diária das gentes durienses na azáfama da produção do *Porto*, e que prevalecem como temas atuais.

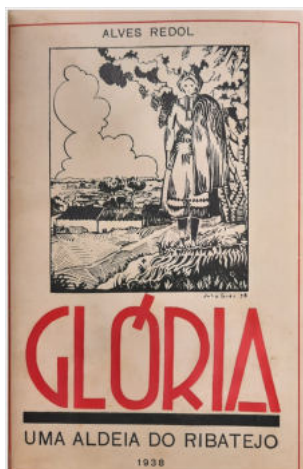


HISTÓRIA E SIMBOLOGIA



Ciclo Port Wine

Coleção de três romances durienses: *Horizonte Cerrado*, *Os Homens e as Sombras*, e *Vindima de Sangue* publicados respetivamente, em 1949, 1951 e 1953. Obras existentes no acervo da biblioteca do IVDP, IP.



Glória: Uma Aldeia do Ribatejo

Obra literária escrita por Alves Redol, publicada em 1938, com ilustrações de Júlio Gois, baseada em estudos de carácter etnográfico e existente no acervo da biblioteca do IVDP, IP.



Recorte de Jornal

Notícia dedicada ao romance *Porto Manso*, publicado no jornal O Primeiro de Janeiro, a 02 de outubro de 1946.

NOTAS A LÁPIS



Epopéia do Douro

Algumas obras literárias passam à minha frente como estrelas cadentes, muitas mesmo que estrelas são. Elevam-se, brilham, prendem a atenção no seu fulgor cativante, e cedo desaparecem no extremo do horizonte, despedidas duma vida efémera. Animam-se duma luz inconsistente, que se desfaz sem rasto. Se nome receberam, não se fixa, pois não se conserva gravado no firmamento das letras.



Referências

- Alves Redol e o Douro: correspondência para Francisco Tavares Teles. CITEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2013.
- Alves Redol: o olhar das ciências sociais. Paula Godinho, António Mota Redo (coord). Lisboa: Colibri, 2014.
- Instituto do Vinho do Porto, 1950. Cadernos Mensais de Estatística e de Informação.
- Douro, Estudos & Documentos: atas do 2.º Encontro Internacional de História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro. Vol. II. 2004.
- Museu do Neorrealismo: Espólio de Alves Redol.
- Museu do Douro: Exposições-Alves Redol – Exposição Biobibliográfica do Centenário do Nascimento.

Ficha Técnica

Título | Boletim Informativo

Data | Setembro 2024

Editor | Núcleo do Conhecimento, IVDP, IP

Coordenação | Paulo Barros

Seleção de Imagens | Sandra Bandeira

Fotografias | Casa Alvão e Arquivo do IVDP, IP

Edição texto | António Pereira, Raquel Almeida, Sérgio Almeida

Montagem | Ana Pina

Periodicidade | Mensal

URL | <https://ivdp-ip.azurewebsites.net/pt/comunicacao/boletim-informativo/>



Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto, I. P.



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AGRICULTURA E PESCAS